

O Cerco de Antuérpia de 1914: Estratégia, Defesa e Queda de uma Fortaleza Europeia

The Siege of Antwerp of 1914: Strategy, Defense, and Fall of a European Fortress

Carlos Roberto Carvalho Daróz (<https://orcid.org/0000-0002-8842-3571>) 

<http://lattes.cnpq.br/6263305850710284>

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO, RJ)

E-mail: cdaroz@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo examina o cerco de Antuérpia, realizado entre 28 de setembro e 10 de outubro de 1914, durante os primeiros meses da Primeira Guerra Mundial, com foco na análise histórico-militar da operação. Busca-se compreender o impacto do cerco sobre a evolução das estratégias de defesa e sítio na guerra contemporânea, destacando o papel da artilharia pesada alemã, o desempenho das forças belgas na proteção da cidade e a interação com unidades aliadas, em especial a Royal Naval Division britânica. O estudo adota uma abordagem baseada em fontes primárias, incluindo relatórios militares, correspondências oficiais e relatos de época, complementados por pesquisas historiográficas recentes. Ao situar o cerco no contexto mais amplo da ofensiva alemã na Frente Ocidental e da resistência belga, o artigo discute tanto as implicações táticas quanto estratégicas da operação, evidenciando as limitações das fortificações estáticas frente às tecnologias emergentes de artilharia e a importância de Antuérpia como elemento de simbolismo político e moral. O trabalho contribui para a compreensão da interação entre inovação tecnológica, decisão estratégica e resistência nacional nos conflitos do início do século XX.

Palavras-chave: Cerco de Antuérpia; Primeira Guerra Mundial; Artilharia Pesada; Estratégia Militar.

Abstract: This article examines the Siege of Antwerp, carried out between September 28 and October 10, 1914, during the first months of the First World War, focusing on a military-historical analysis of the operation. It seeks to understand the siege's impact on the evolution of defense and siege strategies in modern warfare, highlighting the role of German heavy artillery, the performance of Belgian forces in protecting the city, and the interaction with Allied units, especially the British Royal Naval Division. The study adopts an approach based on primary sources, including military reports, official correspondence, and contemporary accounts, complemented by recent historiographical research. By situating the siege within the broader context of the German offensive on the Western Front and Belgian resistance, the article discusses both the tactical and strategic implications of the operation, underscoring the limitations of static fortifications in the face of emerging artillery technologies and Antwerp's importance as an element of political and moral symbolism. This work contributes to the understanding

of the interaction between technological innovation, strategic decision-making, and national resistance in early 20th-century conflicts.

Keywords: Siege of Antwerp; First World War; Heavy Artillery; Military Strategy.

Introdução

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), à época percebida como a Grande Guerra,⁵⁸ envolveu a mobilização de grandes exércitos europeus em um conflito caracterizado por intensa inovação tecnológica e estratégias ofensivas planejadas.

No percurso da ofensiva alemã contra a França, no segundo semestre de 1914, a neutra Bélgica foi invadida. Uma inesperada resistência belga, contudo, retardou o avanço inimigo, proporcionando tempo para a mobilização aliada e demonstrando a importância estratégica do território belga na Frente Ocidental.

Entre 28 de setembro e 10 de outubro de 1914, os alemães sitiaram e investiram contra Antuérpia. A cidade, protegida por uma rede de fortificações, foi atacada com artilharia pesada, culminando na evacuação das tropas belgas e na rendição. O episódio evidenciou a superioridade tecnológica alemã, mas também simbolizou a resistência de um pequeno Estado frente a um invasor mais poderoso, com consequências estratégicas para o restante da guerra.

O cerco de Antuérpia constituiu um dos episódios mais significativos da fase inicial da Grande Guerra na Frente Ocidental. Situada na foz do rio Escalda e dotada de um elaborado sistema de fortificações, a cidade era considerada, no início do século XX, uma das mais formidáveis e seguras praças-fortes da Europa. Sua importância estratégica residia não apenas na proteção da capital belga, Bruxelas, mas também na função de porto de grande capacidade para abastecimento e comunicações marítimas e fluviais, vitais para o esforço de guerra.

O episódio assume especial relevância na análise histórico-militar por evidenciar a transição entre concepções defensivas de fins do século XIX, baseadas em cinturões de fortificações

⁵⁸ De acordo com Sondhaus (2015, p. 13) “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]” No entanto, segundo o autor, “o rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” No presente trabalho, a partir daqui, utilizarei a expressão contemporânea Grande Guerra.

permanentes, e as novas realidades da guerra moderna, caracterizada pela artilharia pesada de longo alcance e pela mobilidade operacional. A tomada de Antuérpia pelas forças alemãs, apesar da resistência belga e do limitado apoio de aliados britânicos e franceses, teve repercussões estratégicas que ultrapassaram o teatro de operações local, influenciando o equilíbrio militar e afetando diretamente o curso da chamada “Corrida para o Mar”.⁵⁹

Este estudo tem como objetivo examinar o cerco de Antuérpia à luz de uma abordagem histórico-militar, com ênfase na dinâmica do confronto, nos antecedentes estratégicos que o precipitaram e nas consequências de sua resolução para o desenvolvimento da guerra na Frente Ocidental. Para isso, serão mobilizadas fontes primárias incluindo tanto relatórios militares, como despachos diplomáticos e testemunhos contemporâneos,⁶⁰ como estudos historiográficos⁶¹ que reavaliam o papel da cidade nas estratégias belga e alemã.

O recorte temporal adotado compreende o período de 1912 a 1915, de modo a contextualizar a construção e modernização das defesas de Antuérpia, acompanhar o desenrolar das operações de cerco e avaliar os impactos imediatos de sua queda. Metodologicamente, a análise articulará a descrição dos eventos com a discussão crítica sobre as decisões estratégicas dos comandantes envolvidos, considerando as limitações logísticas e tecnológicas da época. Dessa forma, busca-se não apenas reconstruir a cronologia do cerco, mas também compreender como Antuérpia se insere no panorama mais amplo da guerra total que se configurou a partir de 1914.

Cabe ressaltar que a presente pesquisa foi desenvolvida por ocasião do doutoramento do autor em História Militar na Université Libre de Bruxelles (ULB), atendendo ao *Programme Erasmus+* da União Europeia, oportunidade na qual foi possível o acesso a inúmeras fontes primárias, na Bélgica, França, Luxemburgo, Alemanha, Espanha, Portugal e Países Baixos.

⁵⁹ A denominada “Corrida para o Mar” foi uma sequência de operações militares realizadas pelas forças alemãs e aliadas no final de 1914, após a Batalha do Marne, quando ambos os lados tentaram flanquear-se mutuamente pelo norte da França e Bélgica. O resultado foi o estabelecimento de uma frente contínua de trincheiras que se estendeu do Mar do Norte até a Suíça, marcando o início da guerra de trincheiras na Frente Ocidental e definindo o padrão de combate estático que caracterizaria grande parte do conflito. Cf. Strachan, 2001.

⁶⁰ Entre as fontes primárias consultadas, destaco o relato de Winston Churchill sobre o cerco, então Primeiro Lorde do Almirantado, defendendo a decisão britânica de enviar a *Royal Naval Division* para auxiliar na defesa da cidade (**Records of the Great War**, v. II, ed. Charles F. Horne, National Alumni 1923. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_churchill.htm. Acesso em 10 ago. 2025); a proclamação de Erich von Falkenhayn, chefe do Estado-Maior alemão, anunciando a captura de Antuérpia, a rendição das forças belgas e a retirada para o rio Yser (*Source Records of the Great War*, v. II, ed. Charles F. Horne, National Alumni 1923. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_falkenhayn.htm. Acesso em: 10 mar. 2025); e relatos de soldados e civis que estiveram presentes durante o cerco e escreveram memórias, os quais foram publicados logo após os eventos.

⁶¹ Entre as fontes historiográficas, ver Edmonds, 1925; Herwig, 2011; Strachan, 2001; Wawro, 2014; Horne, 2009.

Além da pesquisa documental, a investigação deu-se por meio de pesquisa de campo em Atuérpia e arredores, com foco nos sítios de batalha e lugares de memória representativos do período analisado. Outra coleção de fontes relevantes foi a biblioteca Simone Veil,⁶² do Departamento de História do Campus Solbosch da ULB, que reúne vasto acervo relacionado com o objeto de pesquisa.

A Antuérpia Pré-1914: O “Reduto Nacional” da Bélgica

No início do século XX, a Bélgica configurava-se como um pequeno e relativamente jovem Estado, criado em 1830, situado entre duas potências historicamente antagonistas: Alemanha e França. Em 1914, Antuérpia era a segunda maior cidade do país, com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes, e constituía um importante centro econômico e industrial. Reconhecida internacionalmente pelo seu porto, um dos mais movimentados da Europa, a cidade desempenhava papel central no comércio marítimo e fluvial, ligando a Bélgica a mercados internacionais e garantindo fluxos estratégicos de mercadorias e matérias-primas. Além de sua função comercial, Antuérpia possuía setores industriais diversificados, incluindo estaleiros, indústrias têxteis e químicas, o que reforçava sua relevância econômica e sua importância estratégica como ponto de defesa nacional.

A neutralidade belga era garantida internacionalmente pelo Tratado de Londres de 1839,⁶³ reforçando seu caráter de estado-tampão entre potências vizinhas. Devido a seus limitados recursos humanos e materiais, a defesa do território baseava-se no conceito de “retirada estratégica” para um reduto fortificado, de onde se poderia resistir até a chegada de aliados, sobretudo franceses ou britânicos. Nesse contexto, Antuérpia foi progressivamente designada como “reduto nacional” (*Le Réduit National*), tornando-se o núcleo central da resistência armada em caso de invasão e reforçando a importância simbólica e estratégica do país frente a seus vizinhos mais poderosos (Edmonds, 1925). A cidade, em razão de sua geografia, reunia três elementos que reforçavam e justificavam tal escolha estratégica:

(a) Acessibilidade fluvial, visto que seu porto, um dos mais movimentados da Europa, conectava o interior do continente ao mar do Norte; **(b) Proximidade com a capital Bruxelas**,

⁶² Ver <https://bib.ulb.be/fr/bibliotheques/bsh>.

⁶³ O Tratado de Londres de 1839 estabeleceu a independência e a neutralidade da Bélgica, reconhecida pelas principais potências europeias da época. Pelo tratado, Prússia, França, Reino Unido, Áustria, Rússia e Países Baixos se comprometeram a respeitar a integridade territorial belga e a proteger sua neutralidade em caso de conflito, conferindo ao país um status de estado-tampão entre potências vizinhas. Cf. Cook, 2004.

distante apenas 45 km, possibilitando apoio e evacuação governamental em caso de crise; **(c) Posição defensiva natural**, protegida por cursos d’água e pântanos, dificultando o avanço de grandes unidades terrestres.

A transformação de Antuérpia em fortaleza nacional intensificou-se a partir de 1859, quando o governo belga, apoiado em pareceres de engenheiros militares franceses, decidiu construir um anel de fortificações permanentes ao redor da cidade (Figura 1). Entre 1859 e 1914, o sistema defensivo foi organizado em três fases:

(a) Primeira linha de defesa, composta por um cinturão interior de fortes de alvenaria e terra, concebidos para resistirem à artilharia média da época; **(b) Segunda linha**, englobando construções mais afastadas, erguendo-se uma série de 21 fortes e redutos em concreto armado, entre 10 e 15 km do centro da cidade; **(c) Terceira linha**, iniciada nos anos 1900, prevendo obras ainda mais afastadas, para enfrentar o aumento do alcance da artilharia inimiga.

Cada fortificação foi projetada para resistir a bombardeios prolongados, com casamatas subterrâneas, fossos secos ou alagados, e sistemas de ventilação. A Bélgica investiu nessas obras de **concreto** e abrigos blindados incorporando as lições da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905)⁶⁴, na qual o uso da artilharia pesada havia mostrado a vulnerabilidade das defesas convencionais da época.

⁶⁴ A Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) foi um conflito entre o Império Russo e o Império Japonês, motivado por disputas sobre influência na Manchúria e na Coreia. A guerra demonstrou a eficácia das forças navais modernas e da guerra de cercos, resultando na vitória japonesa, na assinatura do Tratado de Portsmouth (1905) e no enfraquecimento da posição internacional da Rússia. O conflito serviu como alerta para as potências europeias sobre a importância da tecnologia militar moderna e a vulnerabilidade de exércitos tradicionais diante de estratégias bem coordenadas. Cf. Jukes, 2002.

criando tempo para a mobilização aliada. Essa convicção, entretanto, não levava plenamente em conta os avanços tecnológicos da artilharia alemã, em especial as peças de 305 mm da Skoda e os obuses de 420 mm da Krupp, capazes de destruir obras defensivas modernas em questão de dias.

Uma Estratégia Defensiva

A deflagração da Grande Guerra, em agosto de 1914, colocou em marcha o Plano Schlieffen, concebido anos antes pelo Estado-Maior alemão⁶⁷. O objetivo era derrotar rapidamente a França, antes que o Exército Russo pudesse completar sua mobilização, evitando assim uma guerra prolongada em duas frentes. Para isso, a estratégia previa uma grande manobra de envolvimento pelo norte, atravessando a Bélgica e o norte da França para investir sobre Paris pela retaguarda.

A neutralidade belga, garantida pelo Tratado de Londres, foi ignorada pelo Império Alemão, que, em 2 de agosto de 1914, apresentou um ultimato exigindo passagem livre para suas tropas. A recusa de Bruxelas precipitou a invasão no dia seguinte, com o ataque às fortificações de Liège (Falls, 1959). A resistência inicial belga retardou, mas não deteve o avanço alemão, embora permitisse que os Aliados ganhassem tempo para mobilizar forças.

Antuérpia, nesse momento, não era ainda o foco imediato das operações alemãs; o objetivo principal era Paris. Contudo, a presença de um exército belga intacto e bem entrincheirado no norte do país preocupava o alto comando de Berlim.

Depois da queda de Liège, em 16 de agosto, e de Namur, nove dias mais tarde, as forças belgas recuaram ordenadamente para Antuérpia (Horne, 2009), conforme previa a doutrina defensiva nacional. A cidade passou a abrigar não apenas a guarnição local, mas também grande parte do Exército Belga, sob o comando direto do rei Alberto I.

A posição de Antuérpia oferecia uma vantagem significativa: a partir dali, destacamentos belgas podiam lançar **surtidas ofensivas** contra as linhas de comunicação alemãs no norte da Bélgica, ameaçando suas rotas de abastecimento rumo à França. Entre 24 de agosto e 9 de setembro,

⁶⁷ O Plano Schlieffen foi uma estratégia militar concebida no final do século XIX pelo Estado-Maior Alemão para enfrentar um eventual conflito em duas frentes contra França e Rússia. Reformulado e detalhado pelo general Alfred von Schlieffen em 1905, o plano previa um ataque rápido à França através da Bélgica neutra, com o objetivo de cercar Paris e forçar a rendição francesa antes que a Rússia pudesse mobilizar totalmente suas forças. Durante a Grande Guerra, em agosto de 1914, o plano orientou a invasão alemã da Bélgica e foi um elemento central no início do cerco de Antuérpia. Cf. Foley, 2005.

essas operações, embora limitadas, obrigaram os alemães a deslocarem tropas para proteger a retaguarda, interferindo na execução do Plano Schlieffen (Strachan, 2001).

Na noite de 24 para 25 de agosto de 1914, o Zeppelin LZ 25, número militar Z-IX, lançou cerca de uma dúzia de bombas sobre a cidade de Antuérpia. Doze pessoas foram mortas e outras 40 ficaram feridas (Van den Bossche, 2005). A indignação foi grande, especialmente porque o palácio real localizado em Meir foi obviamente um dos alvos visados. Por medida de segurança, após o ataque os filhos do rei Alberto I e da rainha Elizabeth foram evacuados para a Inglaterra alguns dias mais tarde.

Em um esforço para apoiar os belgas, a Força Expedicionária Britânica enviou tropas para auxiliar na defesa. Para cooperar com a defesa de Antuérpia, os britânicos reforçaram o o Exército Belga com unidades da Marinha Real Britânica,⁶⁸ em especial pela *Royal Naval Division* (Real Divisão Naval),⁶⁹ a qual manteve ligação com o litoral através de canais e rotas fluviais. Essa rede de comunicações garantia fluxo de suprimentos e, sobretudo, a possibilidade de evacuação.

O avanço aliado na região do Marne, realizado entre 6 e 12 de setembro, e o início da “**Corrida para o Mar**” aumentaram a importância estratégica de neutralizar Antuérpia, tanto para consolidar a ocupação da Bélgica, quanto para liberar forças alemãs para as ações ao norte.

Para o comando alemão, deixar Antuérpia em atividade significava aceitar uma base hostil em sua retaguarda. Por isso, a partir do final de setembro de 1914, o general Hans von Beseler, comandante do 3º Corpo de Reserva do 1º Exército alemão,⁷⁰ recebeu ordens para **isolar e capturar** a cidade. A ofensiva não previa um ataque frontal imediato, mas sim um cerco progressivo, sustentado por artilharia pesada capaz de destruir as linhas de fortes exteriores antes de forçar a rendição. Essa decisão marcou a transição de Antuérpia de refúgio defensivo a objetivo operacional prioritário para o Império Alemão. O que se seguiu foi uma campanha

⁶⁸ The Siege of Antwerp, de Winston Churchill. **Primary Documents** - Firstworldwar.com. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_churchill.htm. Acesso em 8 fev. 2025.

⁶⁹ A *Royal Naval Division* foi uma formação militar britânica composta principalmente por marinheiros e fuzileiros navais não embarcados, organizada durante a Grande Guerra para servir como infantaria. A divisão participou da defesa de Antuérpia em 1914, apoiando o Exército Belga na proteção das fortificações e contribuindo para a resistência contra a ofensiva alemã, mesmo sem experiência prévia em combates terrestres. Cf. Edmonds, 1925.

⁷⁰ O general Hans von Beseler (1850-1921) comandou as forças alemãs responsáveis pelo cerco e captura de Antuérpia em 1914. Especialista em operações de sítio, Beseler supervisionou o uso coordenado de artilharia pesada contra os fortes belgas, assegurando a rendição da cidade e demonstrando a eficácia da guerra de posição combinada com tecnologia de grande calibre. Sua atuação consolidou sua reputação como estrategista de cerco durante a Grande Guerra. Cf. Wawro, 2014.

de poucos dias, mas de enorme intensidade destrutiva, na qual tecnologia e doutrina militar colidiram com consequências dramáticas.

Processa-se o Cerco

O cerco iniciou-se oficialmente em **28 de setembro de 1914**, quando as forças de Von Beseler, cerca de **60 mil homens**, apoiados por engenharia e baterias de artilharia pesada, avançaram sobre a **linha de fortificações exteriores**, concentrando-se, inicialmente, no setor sudeste. O objetivo era reduzir gradualmente as defesas, eliminando um forte de cada vez e forçando a guarnição belga a recuar para o cinturão interior.

No dia 2 de outubro, uma aeronave Taube alemã sobrevoou Antuérpia, lançando inúmeras cópias de uma proclamação bilíngue, cujas passagens mais significativas são reproduzidas a seguir:

BRUXELAS, 1º de outubro de 1914.

SOLDADOS BELGAS!

Seu sangue e toda a sua salvação — vocês não estão dando nada disso ao seu amado país; pelo contrário, estão servindo apenas aos interesses da Rússia, um país que deseja apenas aumentar seu já enorme poder, e acima de tudo aos interesses da Inglaterra, cuja avareza pérfida deu origem a esta guerra cruel e sem precedentes. Desde o início, os vossos jornais, pagos por fontes francesas e inglesas, nunca deixaram de vos enganar, de vos contar apenas mentiras sobre as causas da guerra e sobre as batalhas que se seguiram, e isso continua a acontecer todos os dias.

Cada dia de resistência faz com que vocês sofram perdas irreparáveis, enquanto que após a capitulação de Antuérpia vocês estarão livres de toda ansiedade.

Soldados belgas, vocês já lutaram o suficiente pelos interesses dos príncipes russos e pelos dos capitalistas da pérfida Albion. A situação de vocês é desesperadora.

Se desejam se reunir com suas esposas e filhos, se desejam retornar ao trabalho, em uma palavra, se querem a paz, ponham fim a essa luta inútil, que só terminará em sua ruína. Então, vocês terão rapidamente todos os benefícios de uma paz feliz e perfeita.

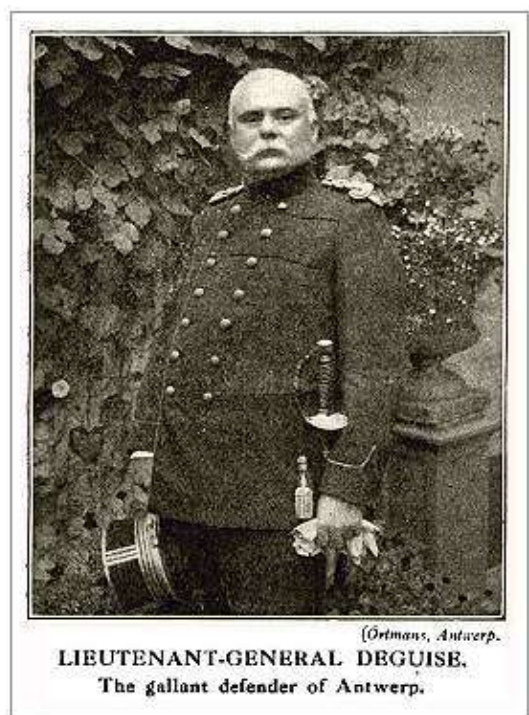
Von Beseler, Comandante-em-chefe do Exército Sítiante.⁷¹

⁷¹ Do original em inglês “**BRUSSELS, October 1, 1914. BELGIAN SOLDIERS! Your blood and your whole salvation - you are not giving them to your beloved country at all; on the contrary, you are serving only the interests of Russia, a country which only desires to increase its already enormous power, and above all the interest of England, whose perfidious avarice has given birth to this cruel and unprecedented war. From the outset your newspapers, paid from French and English sources, have never ceased to deceive you, to tell you nothing but lies about the causes of the war and about the battles which have ensued, and this is still happening every day. Each day of resistance makes you suffer irreparable losses, while after the capitulation of Antwerp you will be free from all anxiety. Belgian soldiers, you have fought enough for the interests of the Russian princes, and for those of the capitalists of perfidious Albion. Your situation is one to despair of. If you desire to rejoin your wives and children, if you desire to return to your work, in a word, if you want peace, put an end to this useless struggle, which will only end in your ruin. Then you will quickly have all the benefits of a fortunate and perfect peace. Von Beseler, Commander-in-Chief of the besieging Army.**” (tradução livre do autor). Cf. **The Siege of Antwerp**, por De Gerlache de Gommery, October 1914. *Primary Documents - Firstworldwar.com*. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_gommery.htm. Acesso em: 27 mar. 2025.

Não consta que a população ou os soldados belgas tenham ficado impressionados com essa propaganda de guerra, ao contrário, mantiveram sua disposição para defender a cidade. As tropas belgas, sob o comando direto do tenente-general **Victor Deguise** (Figura 2), dispunham de cerca de **80 mil homens**, incluindo guarnições fixas, unidades de infantaria e elementos de artilharia costeira (Strachan, 2001). Apesar da superioridade numérica inicial, a vantagem material estava do lado alemão: suas peças de artilharia pesada possuíam alcance e poder destrutivo capazes de demolir casamatas de concreto em poucas horas.

Figura 2

General Victor Deguise, comandante das forças belgas em Antuérpia



Fonte: Wikimedia Commons

Nessa perspectiva, o grande diferencial do sítio foi o uso coordenado da artilharia superpesada, fruto de avanços tecnológicos decorrentes da Segunda Revolução Industrial. Entre as peças mais notórias figuravam os **obuseiros de 420mm Krupp, apelidados de Dicke Bertha**,⁷² capazes de lançar projéteis de 800 kg a um alcance de 9 km e abrindo crateras de até 6 metros de diâmetro (Figura 3); e obuseiros **Skoda de 305 mm**, de origem austro-húngara, com projéteis de 380 kg, complementando o ataque com maior cadência de tiro (Zaloga, 2018).

⁷² Tecnicamente, esta peça de artilharia superpesada era denominada *Kurze Marinekanone L/12* de 42 cm, ou *Gamma-Gerät* [Dispositivo Gama].

Figura 3

Peça de artilharia Krupp de 420 mm com sua guarnição, por ocasião do cerco de Antuérpia



Fonte: Australian War Memorial

A tática alemã consistia em bombardear intensamente um forte específico por várias horas até neutralizar suas peças e abrir brechas na linha defensiva. Esse método foi aplicado inicialmente contra os fortes de **Wavre-Sainte-Catherine** e de **Walem**, ambos severamente danificados já nos primeiros dias de outubro (Edmonds, 1925).

Os belgas, conscientes da vulnerabilidade de seus fortes diante da artilharia inimiga, adotaram uma defesa móvel, retirando guarnições antes da destruição total e reorganizando-as em posições secundárias. Apesar disso, a pressão alemã aumentava dia após dia.

A chegada da *Royal Naval Division* britânica em 3 de outubro, comandada por Sir Archibald Paris, fortaleceu temporariamente o moral dos defensores, mas revelou-se incapaz de fazer a diferença. Eram cerca de 8 mil homens, em grande parte recrutas e reservistas, mas com treinamento básico de infantaria. Seu papel foi cobrir setores críticos e apoiar surtidas para retardar o avanço alemão. Essas surtidas, realizadas principalmente entre 1º e 5 de outubro de 1914, causaram limitadas baixas ao inimigo, mas não conseguiram interromper a progressão do cerco.

Entre 6 e 8 de outubro, os alemães capturaram os fortes de **Kessel** e de **Broechem**, rompendo a linha exterior no leste e abrindo caminho para a artilharia atingir o cinturão interior e a própria cidade (Edmonds, 1925).

O bombardeio se intensificou, atingindo não apenas alvos militares, mas também áreas civis. O porto e a zona industrial sofreram danos consideráveis, dificultando a evacuação por via fluvial. A situação tornou-se insustentável: o Exército Belga corria o risco de ser cercado e aniquilado.

Na noite de **8 para 9 de outubro**, Deguise ordenou a retirada geral em direção ao rio Yser, coordenando a evacuação de tropas e parte da população civil através de rotas ainda sob controle aliado. No dia **10 de outubro de 1914**, Antuérpia capitulou formalmente, com cerca de 30 mil soldados rendendo-se aos alemães.⁷³

Evacuação e Queda

A decisão de evacuar Antuérpia foi tomada na noite de **8 para 9 de outubro de 1914**. O rei Alberto I e o alto comando belga optaram por preservar o núcleo do exército nacional, evitando um cerco total. A retirada ocorreu em condições extremamente precárias: as pontes sobre o Escalda estavam sob ameaça, a artilharia inimiga mantinha fogo constante e a população civil, tomada pelo pânico, buscava seguir as tropas rumo à costa.

O deslocamento principal dirigiu-se ao **rio Yser**, na Flandres Ocidental, onde se planejava estabelecer uma nova linha defensiva em coordenação com tropas francesas e britânicas. Parte das forças belgas conseguiu embarcar em navios no porto, enquanto outras marcharam por estradas secundárias para escapar do cerco.

A *Royal Naval Division*, que havia reforçado temporariamente a guarnição, ficou parcialmente isolada e sofreu pesadas baixas na retirada, com centenas de homens sendo feitos prisioneiros (Edmonds, 1925).

A queda da cidade desencadeou um êxodo maciço: cerca de **um milhão de belgas**, não apenas de Antuérpia, mas de regiões vizinhas, que buscaram refúgio na Holanda, na França e no Reino Unido (Domoulin, 2005). A imprensa internacional noticiou o drama humanitário, reforçando a imagem da Bélgica como vítima da agressão alemã.

No **dia 10 de outubro**, tropas alemãs entraram formalmente em Antuérpia. O general von Beseler, responsável pelo cerco, supervisionou a rendição das guarnições remanescentes. A

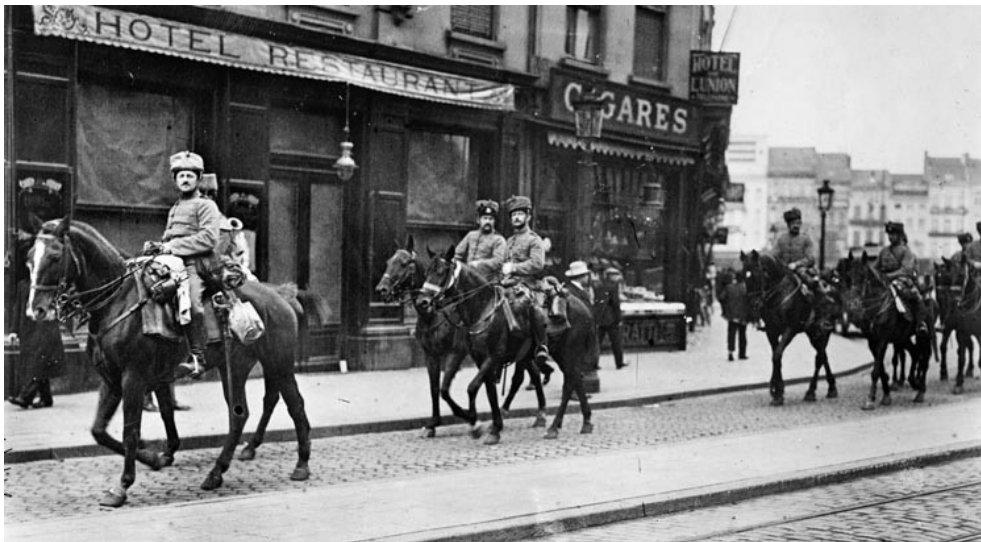
⁷³ The Capture of Antwerp, proclamação de Erich von Falkenhayn. **Primary Documents** - *Firstworldwar.com*. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_falkenhayn.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.

captura da cidade representou uma vitória militar e um ganho estratégico: com Antuérpia neutralizada, a retaguarda alemã na Frente Ocidental ficou mais segura.

A ocupação alemã foi imediata (Figura 4). Apesar de algumas medidas para manter a ordem, houve requisição de bens, imposição de censura e utilização da infraestrutura portuária para fins militares. O porto de Antuérpia tornou-se um ponto logístico para abastecer as forças de ocupação no norte da França e na Bélgica.

Figura 4

Hussardos alemães entram em Antuérpia dando início à ocupação



Fonte: Media storehouse

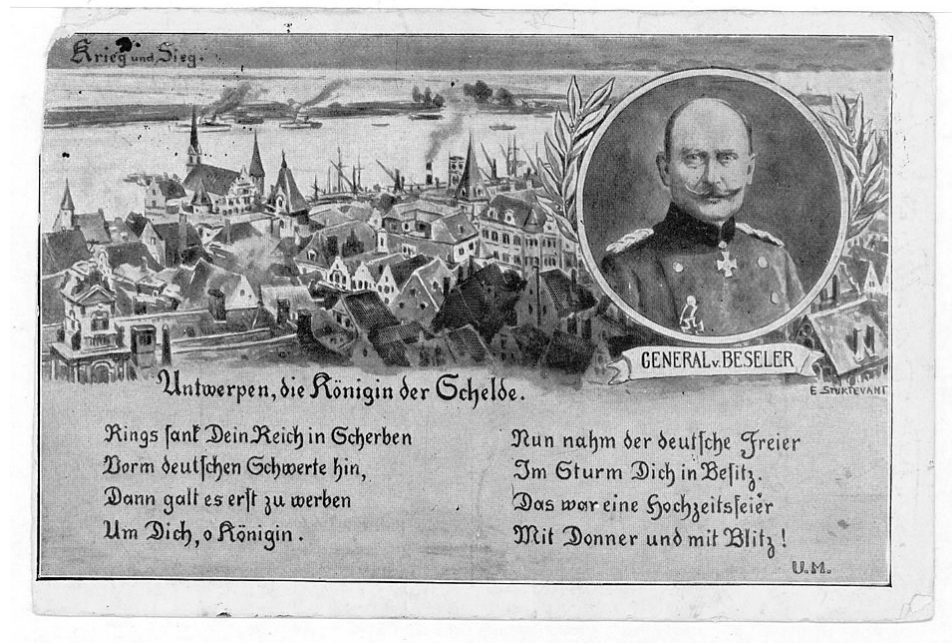
Apesar da vitória, o cerco expôs vulnerabilidades: a operação consumiu tempo e recursos valiosos no momento em que o comando alemão tentava manter o ímpeto ofensivo para cumprir o cronograma do Plano Schlieffen. Ainda assim, para Berlim, a eliminação da última grande fortaleza belga foi considerada essencial para consolidar a ocupação do país.

Repercussões Estratégicas

A queda de Antuérpia alterou de forma significativa a configuração da Frente Ocidental em outubro de 1914. Com a cidade sob controle, o Exército Alemão eliminou a última grande fortaleza capaz de ameaçar suas linhas de comunicação no norte da Bélgica (Figura 5). Isso permitiu que parte das forças de Von Beseler fossem deslocadas para apoiar operações na “Corrida para o Mar”, particularmente na região de Ypres.

Figura 5

Cartão postal celebrando a conquista de Antuérpia e tendo em destaque o general Von Beseler
[Pintura de E. Stuktevant]



Fonte: Bildpostkarten.

Contudo, o cerco também teve um custo operacional para a Alemanha. A concentração de artilharia superpesada e tropas especializadas atrasou o envio de reforços para a frente principal, reduzindo a capacidade de manter a iniciativa contra os Aliados no final de setembro e início de outubro. Alguns historiadores, como Holger Herwig (2011), argumentam que essa diluição de esforços contribuiu indiretamente para o impasse que logo se estabeleceria nas linhas de trincheiras.

Para os belgas, a perda de Antuérpia foi um golpe moral profundo, mas a evacuação bem-sucedida da maior parte de seu exército permitiu manter a resistência na nova frente do Yser, que se tornaria um bastião defensivo até o fim da guerra.

No plano diplomático, o episódio foi explorado amplamente pela propaganda aliada. A resistência belga, seguida pelo êxodo civil, reforçou a narrativa da “Bélgica mártir”, um pequeno país vítima da agressão de uma potência imperialista. Essa imagem teve grande impacto na opinião pública britânica e norte-americana, ajudando a consolidar o apoio moral e material à causa aliada.

A imprensa ocidental destacou o uso indiscriminado da artilharia pesada contra áreas urbanas, apresentando-o como prova da brutalidade alemã (Sanders; Taylor, 1982). O episódio também foi utilizado para justificar a intensificação do bloqueio naval britânico, sob a alegação de impedir que Antuérpia se tornasse um ponto de apoio logístico decisivo para o inimigo.

Do ponto de vista técnico, o cerco de Antuérpia confirmou a obsolescência dos sistemas de fortificações permanentes concebidos no século XIX frente à artilharia pesada moderna. Obras que haviam custado milhões de francos e décadas de construção foram neutralizadas em poucos dias.

Muitas lições foram extraídas do cerco, sendo as principais: **(a) Necessidade de defesa em profundidade** – linhas fortificadas isoladas, mesmo robustas, eram vulneráveis a cercos metodicamente conduzidos; **(b) Integração de forças móveis** – a defesa estática precisava ser combinada com contra-ataques coordenados para evitar a destruição sistemática; **(c) Valor da artilharia pesada** – a campanha reforçou o papel central da artilharia de grande calibre no combate a fortificações, influenciando a doutrina de vários exércitos durante e após a guerra.

Para os alemães, o sucesso validou o investimento em obuses de 305 e 420 mm, utilizados novamente em Verdun e em outras operações em 1915 e 1916. Para os Aliados, a experiência acelerou a reavaliação de seus próprios sistemas defensivos, sobretudo na França.

Considerações Finais

O cerco e a queda de Antuérpia, entre setembro e outubro de 1914, representam um dos episódios mais significativos da fase inicial da Grande Guerra na Frente Ocidental. Situada como “reduto nacional” belga, a cidade concentrou expectativas estratégicas e simbólicas que remontavam ao século XIX, mas viu-se rapidamente superada pelas inovações tecnológicas e pela dinâmica operacional da guerra moderna.

Do ponto de vista militar, o episódio evidenciou a fragilidade dos sistemas defensivos permanentes diante da artilharia superpesada, marcando o fim de uma era na engenharia militar europeia. A operação alemã, conduzida de forma metódica e apoiada em recursos logísticos robustos, alcançou seus objetivos, embora ao custo de tempo e recursos que poderiam ter sido empregados em outros setores. Para a Bélgica, a derrota foi mitigada pela preservação de seu exército, que pôde manter a resistência no Yser e garantir a continuidade simbólica e prática do esforço de guerra. Para a Alemanha, a captura da cidade foi tanto um triunfo militar quanto uma

necessidade estratégica, garantindo segurança à sua retaguarda e acesso a uma infraestrutura portuária vital para a ocupação.

No campo diplomático e propagandístico, Antuérpia consolidou-se como um símbolo da resistência de um pequeno Estado diante de um agressor mais poderoso. As imagens do êxodo civil e da destruição causada pelos bombardeios repercutiram amplamente na opinião pública internacional, reforçando a causa aliada.

Na memória militar, Antuérpia ocupa um lugar ambivalente. Para os belgas, é um marco de sacrifício e perseverança e um lembrete dos limites da defesa estática em uma guerra industrializada. Para os alemães, é lembrada como exemplo de aplicação eficaz da artilharia de sítio e de operações de redução de fortificações. No conjunto, o episódio ilustra, de forma concentrada, as tensões entre tradição e modernidade, estratégia e tecnologia, resistência e inevitabilidade, que marcaram o início do conflito de 1914-1918.

Em última análise, a queda de Antuérpia transcende a simples narrativa militar: ela se transforma em símbolo das complexas dinâmicas da Grande Guerra, no qual coragem e sacrifício coexistem com progresso tecnológico e cálculo estratégico. A cidade, devastada mas emblemática, permanece como um testemunho da tensão entre a bravura humana e as forças implacáveis da guerra moderna, lembrando-nos que, em conflitos de tal magnitude, a memória de uma resistência obstinada pode ser tão poderosa quanto o próprio triunfo das armas.

Referências

Churchill, Winston. The Siege of Antwerp. **Primary Documents - Firstworldwar.com**. Outubro, 1914 Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_churchill.htm. Acesso em: 21 jan. 2026.

Cook, Bernard. **Belgium: a history**. New York: Peter Lang, 2004.

Doyle, Arthur C. The Siege of Antwerp. **Primary Documents - Firstworldwar.com**. Outubro, 1914. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_conandoyle.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.

Dumoulin, Michel et al. **Nouvelle Histoire de Belgique 1905–1950**, v.2. Bruxelles: Éd. Complexe, 2005.

Edmonds, James Edward. **Military Operations France and Belgium, 1914**: Antwerp, La Bassée, Armentières, Messines and Ypres October–November 1914. History of the Great War Based on Official Documents by Direction of the Historical Section of the Committee of Imperial Defence, v. 2. London: Macmillan, 1925.

Falkenhayn, Erich von. The Capture of Antwerp. **Primary Documents - Firstworldwar.com**. Outubro, 1914. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_falkenhayn.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.

Falls, Cyril. **The Great War 1914-1918**. New York: Putnam, 1959.

Foley, Robert. **German strategy and the path to Verdun**: Erich von Falkenhayn and the development of attrition, 1870-1916. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Gommery, De Gerlache. The Siege of Antwerp. **Primary Documents - Firstworldwar.com**. Outubro, 1914. Disponível em: https://www.firstworldwar.com/source/antwerp_gommery.htm. Acesso em: 12 fev. 2025.

Herwig, Holger. **The Marne, 1914**: The opening of World War I and the battle that changed the World. New York: Random House, 2011.

Horne, Charles. **Source Records of the Great War**. Whitefish: Kessinger Publishing, 2009.

Sanders, Michael; Taylor, Philip. **British Propaganda During the First World War, 1914-18**. London: Red Globe Press, 1982.

Sondhaus, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: história completa. São Paulo: Contexto, 2015.

Strachan, Hew. **The First World War**: to arms. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Van Den Bossche, Stefan. **Jan van Nijlen**: Biografie. Tielt: Lannoo, 2005.

Wawro, Geoffrey. **A Mad Catastrophe**: the outbreak of World War I and the collapse of the Habsburg Empire. New York: Basic Books, 2014.

Willequet, Jacques. **Albert Ier Roi des Belges**. Bruxelles: Presses de Belgique, 1979.



Zaloga, Steven. **Superguns 1854-1991: extreme artillery from the Paris Gun and the V-3 to Iraq's Project Babylon**. Cambridge: Osprey Publishing, 2018.